



Andarilhos do bem: a peregrinação da esperança

Wanderers of good: the pilgrimage of hope

Lutherkin Lino Ludvich ^[a]

Curitiba, PR, Brasil

Pontifícia Universidade Católica (PUCPR)

Waldir Souza ^[b]

Curitiba, PR, Brasil

Pontifícia Universidade Católica (PUCPR)

Como citar: LUDVICH, L. L.; LUDVICH, W. Andarilhos do bem: a peregrinação da esperança. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 02, p. 227-238, maio/ago. 2025. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.17.002.DS02>

Resumo

A peregrinação no cristianismo é um ato de devoção religiosa, puramente sagrada, que consiste, além de uma viagem, numa renovação espiritual, segura na fé e no amor divino. Da saída dos apóstolos para a evangelização do cristianismo à “Igreja em saída”, proposta pelo Santo Papa Francisco, a esperança de um novo éon vai se fazendo viver. O Santo ano de 2025 é o ano do Jubileu da Esperança, promovido pela bula Papal: *Spes non confundit* convida a todos para retomarmos o caminho da fé e da esperança no amor de Cristo Jesus, de caminharmos juntos, tornando-nos andarilhos do bem para e em favor do bem comum. Este estudo pretende contextualizar um pouco sobre a esperança e sua transitoriedade da fé-palavra, que foi amplamente enaltecida no pontificado do Papa Francisco. Utilizamos uma metodologia dedutiva em uma pesquisa bibliográfica qualitativa. O trabalho será dividido em quatro partes: o princípio da peregrinação

^[a] Formado e mestrando em Teologia pela Universidade Pontifícia Católica do Paraná – PUC-PR. Aluno Bolsista Brasil (CAPES). Número de processo: 88887.954630/2024-00, e-mail: luthyludvich@gmail.com, orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1182-9418>

^[b] Pós-doutorado em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor no Bacharelado em Teologia da PUCPR. Professor no PPG em Teologia da PUCPR. Professor no PPG em Bioética da PUCPR, e-mail: waldir.souza@pucpr.br, orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6411-9463>

cristã, fé-palavra e prática na esperança, o desenlace do Concílio do Vaticano II no pontificado do Papa Francisco e a peregrinação da esperança no jubileu ordinário de 2025.

Palavras-chave: Peregrinação. Fé-palavra. Esperança. Vaticano II. Papa Francisco.

Abstract

In Christianity, pilgrimage is an act of religious devotion, purely sacred, which consists, beyond a journey, of spiritual renewal, rooted in faith and divine love. From the apostles' departure for the evangelization of Christianity to the "Church on the move," proposed by Saint Pope Francis, the hope of a new eon is being revived. The Holy Year of 2025 is the Jubilee of Hope, promoted by the Papal Bull: Spes non confundit invites everyone to resume the path of faith and hope in the love of Christ Jesus, to walk together, becoming wanderers of goodness for and in favor of the common good. This study aims to contextualize hope and its transience as a word of faith, which has been widely extolled during Pope Francis' pontificate. We used a deductive methodology in qualitative bibliographic research. The work will be divided into four parts: the principle of Christian pilgrimage, faith-word and practice in hope, the outcome of the Second Vatican Council in the pontificate of Pope Francis and the pilgrimage of hope in the ordinary jubilee of 2025.

Keywords: Pilgrimage. Faith-word. Hope. Vatican II. Pope Francis.

Introdução

Entende-se peregrinar como um ato de devoção, uma viagem, ir em romaria a um lugar santo. O objetivo, muitas vezes, está relacionado a uma promessa ou uma graça que o peregrino deseje alcançar. Nos primeiros séculos do cristianismo, a peregrinação tinha um objetivo comum: formar as primeiras comunidades cristãs na segunda metade da antiguidade clássica do mundo oriental e ocidental.

Os primeiros homens a serviço da fé na formação das primeiras comunidades cristãs, o zelo pela verdade, a necessidade da oração e da fé-palavra como prática para formação das primeiras comunidades cristãs eram a viva chama do coração e do amor de Cristo. Jesus escolheu em suas viagens os seus companheiros apóstolos e a eles deu a missão de buscar discípulos e fiéis à palavra de Deus. A primeira parte deste artigo trata justamente deste caminho percorrido pelos primeiros profetas, apóstolos, diáconos e outros homens de bem, cheios do Espírito Santo na missão e coragem de levar o novo evangelho ao mundo antigo. Realizamos o nosso trabalho conforme uma metodologia dedutiva em uma pesquisa bibliográfica qualitativa.

Em tempos que ainda estava sendo escrito o Novo Testamento e a transmissão dos testemunhos dos apóstolos era por intermédio da narrativa, todo o cuidado para celebrar a memória viva de Cristo era tomado. A fé-palavra e prática no mundo antigo era uma necessidade para formar as primeiras comunidades cristãs, em que ainda pairava a sombra do sofismo grego, promovido muitas vezes por falsos profetas. Assim sendo, havia uma preocupação com a deturpação da fé-palavra. Nos registros das cartas de São Paulo a seus discípulos, bem como no livreto chamado de “Ensinamentos dos Apóstolos”, conhecido como a Didaquê, chamava-se a atenção para o cuidado com o falso e com a mentira que alguém, em nome de Deus, pudesse proferir. Portanto, na segunda parte de nossos estudos, escrevemos sobre a necessidade de ser fé-palavra e também fé-prática na formação da teologia, como provedoras da esperança a partir da importância da evangelização e oração como meio de comunhão.

A terceira parte é um resultado direto da grande influência do Concílio do Vaticano II, no pontificado do Papa Francisco. Suas ações promovidas pela fé-palavra em fé-prática estão ligadas na plenitude da esperança cristã. A grande importância da encíclica *Laudato Si*, o primeiro documento da Igreja Católica a dedicar-se a questões socioambientais. Entre outros documentos escritos pelo Papa Francisco, fazemos uma importante menção ao “Pacto Educativo Global”, que busca, em um singelo convite ao mundo, pedir ação e comprometimento de toda a humanidade para que se possa recuperar a criação, a vida e o amor em Deus.

Alimentar a chama da peregrinação que foi acesa no berço do cristianismo foi o grande propósito do Papa Francisco. A quarta parte da pesquisa trata-se da chamada para a peregrinação da esperança no ano jubilar de 2025. As portas das quatro basílicas que o Santo Padre abre fazem referência à principal mensagem do Concílio do Vaticano II, sendo a Igreja que se abre para o mundo, a “Igreja de portas abertas”, a Igreja que sai para uma evangelização de todos, a Igreja ecumênica e social, que tem como inspiração as “Igrejas domésticas” formadas nos primeiros séculos de nossa era. O Papa Francisco incentiva a coragem e o dever de cada instituição e de cada ser humano a não serem omissos com as injustiças que ainda assolam a graça da vida.

A peregrinação cristã e a formação das primeiras comunidades

O peregrino é alguém que viaja, um andante que sai de sua terra de origem para algum lugar no mundo. Por aventura ou devoção, o peregrino escolhe e trilha um caminho. A peregrinação está registrada na origem dos povos bíblicos, em Gênesis, Deus orienta Abraão: “O Senhor disse a Abraão: - Sai de tua terra natal, da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei” (Bíblia¹, Gn 12,1). Assim começa a peregrinação do povo de Deus. Um caminho que nunca deixou de ser jornada pela devoção, pela esperança e fé nas promessas de Deus. Um caminho muitas vezes cheio de espinhos e dor, de pessoas e pedras que o fecham, mas, que não causam medo e nem desilusões a quem o percorre

¹ BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002

com coragem em uma íntima oração: “Ouve a minha prece, Iahweh, dá ouvido aos meus gritos, não fiques surdo ao meu pranto! Pois sou forasteiro junto a ti, inquilino como todos meus pais.” (Sl 39,12).

Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Jesus era um caminhante, um andarilho do bem e um peregrino da esperança que viajou pela Galileia e Judeia em nome da palavra do Pai. Em sua caminhada, levava consigo o necessário para chegar de um lugar ao outro, não se apegou a nada material, pois sua convicção e fé exortava a espiritualidade, instruindo sobre a verdade e oração, como meios de conexão com Deus.

As primeiras comunidades cristãs surgiram a partir da orientação e peregrinação dos apóstolos e discípulos de Jesus Cristo, o “verbo encarnado de Deus”. O Novo Testamento de Jesus Cristo exorta o amor ao seu discipulado, proferindo: “Eu vos dou um mandamento novo: Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei: amai-vos assim uns aos outros.” (Jo 13, 34). Jesus, o que traz a “Boa Nova”, orienta: “Portanto, ide fazer discípulos entre todos os povos, batizai-os consagrando-os ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, e ensinai-lhes a cumprir tudo o que vos mandei. Eu estarei convosco sempre, até o fim do mundo.” (Mt 28, 19-20).

Tomados pela virtude e fé, os apóstolos de Jesus Cristo saíram no dever e na missão evangelizadora pelo mundo antigo; norte da África, Ásia Menor e Europa. Com exceção de João, todos os outros apóstolos tiveram um trágico fim, da mesma forma que alguns discípulos de Cristo, como Santo Estevão (05 – 34 d.C.), o primeiro mártir cristão morto por apedrejamento, é São Policarpo de Esmirna (69 – 155 d.C.), martirizado pelas chamas e golpes de espada. Mesmo que a evangelização cristã fosse proibida em algumas regiões, e as mesmas resultaram em prisões, martírios ou morte, a fé impulsionou e encorajou outros a continuarem a semear a palavra do Senhor do bem e da esperança por onde passavam.

Na formação das primeiras comunidades eclesiais, conhecidas como “Igrejas domésticas”, a presença e a orientação de um discípulo ou um diácono era essencial. Os cultos dependiam de alguém que soubesse dar orientações sobre a moral e a ética cristã, em um tempo em que ainda estavam sendo escritos os evangelhos. A companhia de um peregrino, servo de Deus, confortava corações inquietos e trazia a esperança da salvação. As casas particulares abrigavam os fiéis das comunidades, servindo como espaços para professar a fé cristã, conforme o Arcebispo de Santa Maria (RS), Dom Leomar Antônio Brustolin:

São Paulo usa a expressão *Igreja Doméstica* (*Domus Ecclesiae*), indicando que as comunidades se reuniam na casa dos cristãos. As comunidades cristãs de Jerusalém, Antioquia, Roma, Corinto, Éfeso, entre outras, são comunidades formadas por Igrejas Domésticas: as casas serviam de local de acolhida dos fiéis que ouviam a Palavra, repartiam o pão e viviam a caridade que Jesus ensinou. Paulo faz da casa a estrutura fundamental das igrejas por ele fundadas (Brustolin, 2024, s/n).

Foi o peregrino cristão, o escolhido ou aquele que escolheu, pelo dom da vocação e da fé, instruir as famílias dentro das primeiras comunidades cristãs do mundo antigo. Porém, havia uma grande preocupação sobre aquele que se dizia portador da palavra de Cristo, poderiam ser falsos mestres ou doutores, conforme a carta de São Paulo endereçada a seu discípulo São Tito, onde a preocupação era a integridade familiar: especialmente entre os judeus convertidos há muitos insubmissos, charlatões, enganadores. A esses é preciso amordaçar, pois destroem famílias inteiras, ensinando o que não devem por uma ganância sórdida. (Tt 1, 10-11). Em carta de São Paulo endereçada a São Timóteo, a preocupação era a profanação da fé:

Como te recomendei quando partia para Macedônia, fica em Éfeso para avisar alguns que não ensinem doutrinas estranhas, nem se dediquem a fábulas e genealogias intermináveis, que favorecem as controvérsias e não o plano de Deus, que se baseia na fé (1Tm, 1, 3-4).

Além das cartas de São Paulo e fragmentos dos Evangelhos do Novo Testamento que circulavam entre o final do primeiro e o início do segundo século, havia também um livreto conhecido como Didaquê: a instrução dos doze apóstolos ou o ensino dos doze apóstolos. Este livreto foi redescoberto em Constantinopla, em 1873, pelo Teólogo ortodoxo grego Filoteo Bryennios (1833 – 1914). A Didaquê não é canônica, mas é respeitada como um documento

teológico e histórico sobre o catecismo das primeiras comunidades. Deduz-se que há uma menção à mesma, na epístola 39, escrita no ano de 367 d.C., pelo bispo de Alexandria, Santo Atanásio (s.d. – 373) conforme o capítulo 07:

Mas, para uma maior exatidão, acrescento também, escrevendo para não me omitir, que há outros livros, além desses, de fato não incluídos no Cânon, indicados pelos Padres para leitura por aqueles recém-admitidos entre nós e que desejam receber instrução sobre a Palavra de Deus: a Sabedoria de Salomão, a Sabedoria de Sirac, Ester e Judite, Tobias, bem como aqueles chamados Ensino dos Apóstolos e o Pastor. Quanto aos primeiros, meus irmãos, foram incluídos no Cânon; mas os últimos são [apenas] para leitura, não havendo em lugar nenhuma menção a eles como sendo escritos apócrifos. (Atanásio, *Antologia*, PL, VII, 39)

Pode ser que os chamados "Ensinos dos Apóstolos", sejam correspondentes à própria Didaquê, com uma observação importante, não é um Cânon, porém não é apócrifo. A Didaquê foi um manual para a orientação dos discípulos cristãos, servindo também como orientação moral e ética para as primeiras comunidades cristãs, abordando entre as temáticas: a ceia do senhor, instruções sobre o batismo, liturgia e culto e sobre os líderes cristãos, sobre os últimos, assim como as cartas de São Paulo a Didaquê orienta sobre o verdadeiro e falso profeta que peregrina pela evangelização:

[...] 2 Mas se aquele que ensina é perverso e ensinar outra doutrina para te destruir, não lhe dê atenção. No entanto, se ele ensina para estabelecer a justiça e conhecimento do Senhor, você deve acolhê-lo como se fosse o Senhor. [...] 12 Se alguém disser sob inspiração: "Dê-me dinheiro" ou qualquer outra coisa, não o escutem. Porém, se ele pedir para dar a outros necessitados, então ninguém o julgue. (Didaquê, 2021, pág.03)

Havia uma preocupação com o anúncio da palavra sagrada, provavelmente pela prática do sofismo no mundo greco-romano, que assombrou a verdade filosófica no mundo antigo helenístico. Compreende-se que o cerne da mensagem cristã estava enraizado na sacralização da verdade pelo próprio Jesus Cristo. A enganação ou a persuasão da palavra em nome de Jesus fora profetizada em Mateus 24:5, Marcos 13:6, Lucas 21:8, "Atenção! Não vos deixeis enganar. Pois muitos se apresentarão alegando meu nome título e dizendo: Sou eu; chegou a hora. Não saias atrás dele." (Lc 21,8).

A palavra sagrada é a verdade, uma verdade que não pode ser dissimulada ou mesmo barganhada a preços, ou trocas. Caso isto aconteça, ela pende para o egoísmo ou para algum tipo de egocentrismo a quem profere. Portanto, a palavra sobre a fé tem de ser sutil, mas carregada de amor e esperança, tem que ser verdadeira.

A necessidade de ser fé-palavra e prática na esperança

A teologia, indiferente de qual fé seja professada, deve sempre estar para o seu tempo e espaço e sempre trazer Deus como resposta de esperança aos homens, na equidade e justiça social, restituindo o amor como graça doada do Pai para o Filho, que age por intermédio do Espírito Santo. Segundo o teólogo Dr. Benedito Ferraro: "Fundamentada na fé, a teologia tem como função primordial traduzir a revelação para que se torne elemento de compreensão e solução dos problemas levantados pela história humana." (Ferraro, 2011, p. 45). A teologia anseia por mudanças e estas mudanças fazem-se em conjunto, em união com todos os que querem e lutam por igualdade e respeito.

A fonte da teologia cristã é a Bíblia. O cristão tem de estar convicto de sua fé para perceber a mais sutil palavra que nela está registrada. Aqui se faz a hermenêutica da fé-palavra, que não pode ser exclusiva de uma instituição que, a partir dela, possa se promover. A palavra é sacra e todos têm o direito de alegrar-se e esperar-se desta leitura, que pode e deve ser bem orientada. A palavra é a alma revelada por Deus em uma linguagem do amor que emana a oração. O verdadeiro sentido da palavra amor é a graça da vida que tem de estar em comunhão com todas as outras manifestações desse amor, sendo assim, para haver igualdade, tem de existir nessa comunhão, respeito, equilíbrio e reciprocidade.

Fé é esperança, esperança é fé, não se distingue tais sentimentos. Experimentar a fé com a esperança está relacionada às diferentes realidades da humanidade no mundo, sem deixar de expiar cada realidade com a sua própria história. A humanidade é um resultado que se desdobra na sua própria experiência histórica, segundo um provérbio árabe: “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais” (Schwarcz, 2001, p.07). Esperançar-se na fé, a partir de diferentes experiências na história, pode conduzir o ser humano a se tornar mais humano. O passado não é estático, descansa aguardando por uma ressurreição a todo tempo, porém, uma ressurreição de coisas boas, que outrora foram impedidas de acontecer e darem certo. Em nosso tempo presente, observamos as probabilidades de um futuro mais digno e justo a toda humanidade, conforme as palavras de Jürgen Moltmann: “Quando os seres humanos confiam na fidelidade de Deus à aliança e vivem de acordo com sua aliança segundo a promessa e sua ordenação, eles dão razão a Deus e alcançam a justiça.” (Moltmann, 2005, p. 258).

Fé e Esperança estão no tempo presente do ser humano, entre o prelúdio e o desenlace nas promessas e nas leis de Deus, possibilitando ao ser humano, por intermédio do livre arbítrio, experimentar a condição plural de ser humano junto ao Pai. Desta experiência, busca-se o equilíbrio da humanidade a partir daquilo que é experimentado e nos é revelado como verdade. Portanto, quando se observa o passado, deve-se ter o senso crítico e hermenêutico para que não se cometa os mesmos erros históricos, os seus registros não devem ser apagados da história, devem servir como exemplo para que estes erros não se repitam.

A fé-palavra, a fé-experiência e a fé-prática são três dimensões da fé. Estes três conceitos, fontes da teologia, foram resultados de anos de pesquisa do teólogo, filósofo e escritor brasileiro Clodovis Boff, em sua memorável obra *Teoria do Método Teológico*, publicada em 1998. A fé-palavra refere-se à revelação da mesma por intermédio do querigma, que é a essência da mensagem cristã: “[...] cujo portador é o Apóstolo ou Missionário; e passa, em seguida, através da homologia, ou confissão de fé, como se exprime na profissão que faz a Comunidade dos Fiéis.” (Boff, 1998, p.111). Assim, a fé-palavra vai definir formalmente a teologia, e o saber da fé passa a ser experimentado pela fé-experiência, pelo convívio e pela comunhão em Cristo e em um encontro espiritual com Deus: “Portanto, fica amplamente evidenciado que a teologia tem uma dimensão pneumática. Teologia é um saber carismático, mesmo quando se encontra na forma da teoria.” (Boff, 1998, p. 150). A fé-prática é a base primordial da teologia, na prática, aplicam-se os ensinamentos da palavra e da experiência, sendo a prática da fé, o exercício que constrói a comunhão do ser humano com ele mesmo, com a comunidade, com a igreja e principalmente com Deus: trata-se da prática concreta, e não da prática pensada. E isso tem base em duas grandes tradições que fundaram o Ocidente: a filosofia grega e a fé hebraica. (Boff, 1998, p.172)

Sem a práxis, a palavra e a experiência ficam sem sentido, um barco à deriva sem o sopro do vento, o vento da esperança. A prática se faz presente onde se deve estar em comunhão com o ser humano, assim o apóstolo São Tiago nos orienta: “Igualmente a fé que não vem acompanhada de obras: está totalmente morta.” (Tg 2,17). A prática tem de ser teológica na sociedade, este é o principal objetivo em um conceito básico do religar o ser humano a Deus. O religar-se com o ser humano é indiferente a quem seja ele, pois ele é filho da gratuidade divina, do amor e da verdade. A prática leva o ser humano à condição de equidade e fraternidade.

Algo aflige profundamente o ser humano, quando o mesmo se depara com diferentes faces da violência e às vezes ele está longe de poder realizar algo que possa mudar uma determinada situação, sofre com as circunstâncias e lhe inquieta a alma e o coração. No décimo segundo livro da obra *Confissões*, de Santo Agostinho, a sua prece inicia-se com as seguintes palavras: “Inquieto está meu coração” (Agostinho, *Confissões*, PL, I, 12). A prática é a necessidade de realizar, por intermédio da verdade; fé-palavra e a fé-experimentada na convivência com o outro, segundo Boff: “A prática ilumina a fé quando é prática de fé. Ilumina enquanto iluminada, como por um “retorno dialético”” (Boff, 1998, p.187) Logo, a fé-prática que se realiza no mundo, é viver e orientar o ser humano a ser humano, consigo e com os outros.

Encontrar-se na necessidade de ser humano a partir do diálogo prima por todo um respeito pela fé, palavra, experiência e prática condizentes com cada realidade. A verdadeira teologia vive pela prática, porque atende à graça da vida, os anseios e perguntas sobre o sentido dela mesma com outras religiões ou maneiras diversas de professar a fé em Deus. Em uma perspectiva mais ampla, a teologia tem de oferecer um diálogo aberto e esclarecedor, onde o ser

humano é convidado a compartilhar a palavra junto à comunidade universal. Conforme Elias Wolff: “Temos aqui a espiritualidade do diálogo” como troca, intercâmbio, interação, comunhão de universos, de significados existenciais diferentes.” (Wolff, 2016, p. 19).

A jornada do ser humano é uma eterna busca pela sua semelhança, sua trajetória nem sempre é uma epopeia heroica, pois este longo caminho é marcado por erros e acertos. Das diferentes formas que se busca identificar, uma delas é a religiosidade. Há uma necessidade de dialogarmos com Deus em suas diferentes moradas, das instituições maiores às menores, das pessoas iluminadas às ofuscadas, das diferentes manifestações da vida, nelas todas Deus está presente.

Deus não abandona a vida, sofre e persiste na sua criação. Pelo “livre arbítrio” os homens tiveram a liberdade de discutir sobre fé e razão, em diferentes momentos na linearidade da história. Na contemporaneidade, fé e razão vão se encontrando como forma de entender as propostas de Deus ou as diferentes linguagens teológicas dentro da teologia. O todo para o uno, a união dos seres humanos com o ser humano; do ser humano com a natureza; e do ser humano com Deus. Um sincretismo antropocêntrico e teocêntrico, descabido de mistérios, pois o sentir Deus é sentir toda a natureza que manifesta vida.

O desenlace do Concílio do Vaticano II no pontificado do Papa Francisco

O Concílio Ecumênico da Igreja Católica, denominado como Concílio do Vaticano II (1962 – 1965), foi um concílio que discutiu e trouxe inovações significativas da Igreja Católica para o mundo religioso e laico. Um dos textos mais importantes é a *Lumen Gentium*, uma constituição dogmática sobre a Igreja e seu tempo; conforme o documento: “[...] chamando o Seu povo de entre os judeus e os gentios, para formar um todo, não segundo a carne, mas no Espírito, e tornar-se o Povo de Deus.” (LG 24).

Tudo está em relação com o todo, nada existe solitário, o ser humano é universal e sua natureza identifica-se neste todo. Conforme o cardeal italiano Elio Sgreccia (1928 – 2019), a pessoa humana é uma unidade; um todo, e não uma parte de um todo (Sgreccia, 2002, p. 79). O pontificado do Papa Francisco retomou, promoveu e trouxe à prática o cristianismo das primeiras comunidades que surgiram no Oriente Médio e na Europa. Estas comunidades tinham características em comum nas suas formações, a esperança, a espiritualidade, a comunhão na forte presença do Espírito Santo. No pontificado do Papa Francisco, há um renascer desta força cristã, no sentido urgente do ser humano retomar, “as rédeas da vida” e não deixar de responsabilizar-se pela vida que se manifesta no ecossistema do planeta e em favor dos seres humanos, principalmente os mais pobres e vulneráveis.

Uma vasta documentação foi registrada pela Santa Sé a partir das homilias, mensagens, cartas, orações, audiências e dentre outros documentos, que o Papa Francisco produziu, quatro encíclicas escritas e publicadas entre 2013 e 2024, que convidam a todos fazerem parte de uma mudança significativa no sentido prático para um novo humanismo, independente da religiosidade que cada um tenha, a chamada é simples; recuperarmos e darmos sentido à vida dentro da casa comum.

A palavra encíclica significa “circular” e tem sua origem na cultura grega. O termo foi adotado pela Igreja Católica no pontificado de Gregório XVI (1831 – 1846). Uma encíclica pontifícia tem como principal objetivo informar sobre os assuntos eclesiais. Boa parte das encíclicas católicas são tematizadas no exercício da doutrina, moral e fé, enquanto outras têm sua especificidade no campo social, econômico e político.

Os documentos produzidos no pontificado do Papa Francisco, dialogam e revigoram a chamada feita pelo Concílio do Vaticano II, em que a Igreja Católica por intermédio do documento *Lumen Gentium* (Luz dos Povos), convida à comunhão do “Povo de Deus” com a casa de Deus, para renovar os votos e celebrar a aliança cristã entre Deus e a humanidade. Outro documento de grande importância deste mesmo concílio foi a *Unitatis Redintegratio* (Restauração da Unidade), que registra abertamente o ecumenismo universal com as instituições de Cristo. Em 1997, o Papa João Paulo II reforça a mensagem da comunhão ecumênica: “Por ocasião do XXIII conselho geral da aliança mundial das igrejas reformadas”, retomando a importância do diálogo internacional entre as Igrejas Reformadas e a Igreja Católica.

Há muito para esperar-se na perspectiva da humanização de Francisco, para o tempo presente, mas uma esperança que deve despende de significativas mudanças conforme a realidade do ser humano e do planeta. A vida humana é uma constante transformação, onde o ser humano é chamado a conduzi-la, responsavelmente, pela “Economia Divina” termo que majestosamente Jürgen Moltmann esclarece:

A esperança cristã, pela resistência prática e pela transformação criadora, questiona o que é existente e assim está à serviço do que há de vir. Supera o atual e o presente pela orientação para o novo esperado e procura ocasiões para fazer corresponder sempre mais a realidade presente ao futuro prometido. (Moltmann, 2005, p. 411).

A esperança, portanto, deixa de ser passiva e torna-se ativa com a promessa de um futuro melhor, sendo realizada no presente com perspectivas de um futuro melhor. Deixar no passado o que não nos convém no presente, e construirmos o presente com aquilo que nos assegure um mundo melhor, principalmente para o bem-viver da humanidade, conforme a meditação matutina de 17 de março de 2016:

quando não há esperança humana, há aquela virtude que te leva em frente, humilde, simples, mas que te dá alegria, por vezes uma grande alegria, outras vezes só a paz. Contudo, nunca deixa de existir a segurança, porque «aquela esperança não desilude. (Francisco, 2016, s.n.)

A esperança que não desilude é a fé em Deus. É a partir desta fé que se mergulha no mistério da vida, verdade e esperança de continuar com coragem, para enfrentar o que há de vir, portanto, é importante compreender cada realidade, quais são suas emergências e o que se pode fazer para impedir o que ameaça a dignidade e o direito à vida. Não existem crises diferentes, existe uma crise que envolve o mundo, e se não soubermos distinguir a realidade da alienação, põe-se em risco a vida, as causas podem ser devastadoras para um futuro próximo, conforme o Papa Francisco:

Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, desenvolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza. (LS 139)

A encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum” foi publicada pela editora do Vaticano no ano de 2015, escrita e assinada pelo Papa Francisco, entrando como a 298ª carta na história da Igreja Católica. A *Laudato Si'* é a primeira encíclica como documento oficial da Igreja Católica a dedicar-se exclusivamente às questões socioambientais, mas vale lembrar que outras encíclicas publicadas na segunda metade do século XX também colaboraram no exercício da fé intercedendo nesse sentido, como, por exemplo, a *Redemptor Hominis* (Redentor do Homem), primeira encíclica de São João Paulo II, publicada em 1979. Nela é advertida a negligência do homem com relação ao seu meio ambiente.

O título, em latim, *Laudato Si'*, significa “Louvado sejas”, que na frase e canto de São Francisco de Assis acrescenta-se *mi Signore*, significa “Meu Senhor”, como lembra o Papa jesuíta Jorge Mario Bergoglio. Portanto, “Louvado sejas, meu Senhor”, é um agradecimento a Deus pelo cuidado do mundo, que na Teologia reserva-se à denominação “casa comum” e, neste caso, é um grande apelo à humanidade sobre esse cuidado. Conforme o Papa Francisco: “[...] se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude.” (LS 11).

No dia 12 de setembro de 2019, o Papa Francisco fez um convite ao mundo. Uma proposta de um “Pacto Educativo Global”, direcionado às comunidades religiosas, escolas, universidades, famílias, homens e mulheres, a buscar, na esperança, um mundo melhor. Soluções para os nossos problemas ambientais e sociais, promovendo assim um comprometimento com as diferentes causas que desequilibram a vida em nosso planeta.

É necessário haver uma política que restitua o ser humano com dignidade e direito ao seu meio ambiente. Em quaisquer que sejam estes ambientes e as delimitações a favor da vida, seriam um recondicionamento do ser humano com seu meio ambiente, sem o violentar, ressignificando o chamado à graça da vida por Deus e toda vida que

irradia de sua criação. Não deve e não pode mais existir a exploração dos meios naturais promovida por países de primeiro mundo em detrimento dos países menos favorecidos, em nome do progresso e muitas vezes da corrupção. Entretanto, vale lembrar que a ausência e a indiferença pela causa também contribuem para que todos os esforços sejam em vão. Assim nos exorta o Papa Francisco:

Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar. Falta a consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. (LS 202)

A Encíclica: *Fratelli Tutti*, publicada em 3 de outubro de 2020, propõe a todos os irmãos e irmãs um mundo melhor, pacífico e mais justo. O documento é uma carta aberta à humanidade, e seu objetivo é acima de tudo a valorização da integridade do ser humano, independentemente de seu nascimento ou onde ele esteja vivendo. Mediante a tantos apelos que o Papa Francisco nos faz na encíclica, a fraternidade, mediante o diálogo e a amizade social, contextualiza-se com as propostas do “Pacto Educativo Global”, conforme o Pontífice:

Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo «dialogar». Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades. O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; contudo, de forma discreta, mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor. (FT 198)

A importância do diálogo mundial que, busque discutir a dignidade e a integridade das pessoas mais vulneráveis, a paz entre as religiões, as especulações financeiras, principalmente dos países mais ricos com relação aos mais pobres, a cobrança das autoridades políticas na promoção de medidas mais eficazes para o bem comum e para que o mundo possa recuperar a sua saúde humanitária e ambiental. Se assim for, haverá esperança.

A peregrinação da Esperança no Jubileu ordinário de 2025

O anúncio para a celebração do Ano Santo em 2025, conhecido como o Ano do Jubileu da Esperança, retoma o principal legado do Concílio do Vaticano II: “A Igreja que abre as portas, a Igreja de portas abertas”. Em seu décimo segundo ano de pontificado, o Papa Francisco, através da Bula papal *Spes non confundit*, publicada em maio de 2024 e a abertura das portas de quatro Basílicas Papais em Roma: Basílica de São Pedro, em 24 de dezembro de 2024, Basílica de São João de Latrão, em 29 de dezembro de 2024, Basílica Papal de Santa Maria Maior, em 1º de janeiro de 2025 e a Basílica Papal de São Paulo Extramuros, em 05 de janeiro de 2025. Mais do que uma importante e célebre simbologia, a mensagem do Santo Papa está diretamente ligada à importância da fé e da esperança, da coragem e da humildade, do perdão e da oração, do coração e da alma. O Papa Francisco retoma a grande importância da coragem e ousadia dos apóstolos e discípulos na missiologia cristã da fé-palavra, experiência e prática. Estas dimensões da fé são constituídas pela fala da verdade, pela parrésia, termo que o Santo Padre esclarece em sua homilia:

Ela vem da raiz grega de dizer tudo, e também nós muitas vezes usamos esta palavra, precisamente este termo grego, para indicar isto: parrésia, franqueza, coragem. Viam neles esta franqueza, esta coragem, esta parrésia e não compreendiam. (Francisco, 2020 a, s.n.)

Retomar o caminho da verdadeira missão da Igreja Católica é retomar o caminho de sua origem nas “Igrejas domésticas”, que foram formadas pelos profetas, apóstolos e todos os discípulos da fé-palavra praticada com astúcia e coragem, anunciando a esperança de um novo tempo para o amor com Deus. Recordamos que a nossa esperança nesta peregrinação milenar do cristianismo é resultado de esperanças do cristianismo. Muitos cristãos ao longo desses milênios foram injustiçados, presos, torturados e mortos pela esperança de um futuro que hoje somos nós. Por

isso a esperança em Cristo nunca poderá nos confundir: “Por isso mesmo esta esperança não cede nas dificuldades: fundamenta-se na fé e é alimentada pela caridade, permitindo assim avançar na vida.” (Francisco, 2024)

O anseio pela busca peregrina do amor em Cristo revela-se na intimidade e na simplicidade do caminho a ser percorrido em direção reveladora da fé-palavra, nunca sem antes entender que o propósito maior é também a prática da mesma, a fé-prática.

Dispor-se a continuar a evangelização em nome da vida e sempre em prol dos que necessitam de seres humanos dotados de humanidade. A paz no mundo, a integridade familiar; o cuidado com a educação e orientação da juventude, uma inclinação mais humana aos que estão privados da liberdade. Bem como doentes, idosos e migrantes, são fatos e questões mundiais que devem ser acordadas pelos seres humanos com sinais de esperança e de mudança, para que se possa equilibrar e retornar ao caminho da vida, com sinais de esperança. Pois, o mundo não esconde que nele, por mais desigual que possa ser, também há uma força imensurável e intransponível, sendo o bem:

Por isso, para não cair na tentação de nos considerarmos subjugados pelo mal e pela violência, é necessário prestar atenção a tanto bem que existe no mundo. Porém, os sinais dos tempos, que contém o anélito, do coração humano, carecido da presença salvífica de Deus, pedem para ser transformados em sinais de esperança. (Francisco, 2024).

A virtude, a coragem e o dever são características próprias de quem se predispõe a peregrinar pelo mundo com o objetivo da evangelização. A virtude é a prática do bem e da humildade do coração. Esperança, fé e a caridade são virtudes da humildade prontas a serem e se fazerem presentes onde há necessidade de que elas se façam. Fazer a peregrinação de mãos dadas com o Cristo ressuscitado é hoje o grande desafio do peregrino. Porém, tal desafio não cessa quando temos a memória dos que, diante da morte e do vazio, não enfraqueceram e nem negaram a sua fé. Por isso, a chamada do Papa Francisco para sermos peregrinos na fé e na esperança que não se esvazia em nome do amor e da vida do ressuscitado. O testemunho mais convincente desta esperança é-nos oferecido pelos *mártires* que, firmes na fé em Cristo ressuscitado, foram capazes de renunciar à própria vida na terra para não trair o seu Senhor. (Francisco, 2024).

A coragem é o ato mais digno que um ser humano pode ter mediante as inúmeras situações que o colocam à prova. O Papa Francisco sempre, em suas homilias, encorajou as pessoas a serem corajosas no mundo em que vivem, nas situações que afligem a dignidade do ser humano. É na oração que buscamos encorajar-nos pela fé e pela esperança. A coragem sempre vai ser indubitavelmente a verdade, que é própria da justiça no amor de Deus. Portanto, instiga-nos o Papa Francisco a debruçarmo-nos na fé e na oração para seguirmos a viagem:

Fé, perseverança e coragem. Nestes dias em que é preciso rezar, rezar mais, pensemos se nós rezamos assim: com fé que o Senhor pode intervir, com perseverança e com coragem. O Senhor não desilude: não desilude. Faz-nos esperar, leva tempo, mas não desilude. Fé, perseverança e coragem! (Francisco, 2020 b, s.n.)

Anunciar o evangelho, servindo com gratuidade em nome do amor divino, é a missão que todo o peregrino deve aceitar, com o coração aberto e abrir-se para o mundo, para as pessoas com um largo sorriso que possa demonstrar a segurança com que Deus nos protege. A felicidade com que devemos nos aproximar de Deus tende a ser plena, não mundana, de superficialidades ou momentaneamente passageira. Ela tem de responder aos anseios do Senhor, o qual é o Pai, orientador e unificador dos filhos e filhas. Assim sendo, a maior angústia que um pai pode ter na família é quando ela é desunida, por um motivo ou outro; tal desunião é por falta de perdão, o perdão que deu lugar à violência em toda nossa história. Pede o Papa Francisco para experimentarmos o ato mais digno da reconciliação, que pode nos levar à paz eterna:

Uma tal experiência repleta de perdão não pode deixar de abrir o coração e a mente para perdoar. Perdoar não muda o passado, não pode modificar o que já aconteceu; no entanto, o perdão pode-nos permitir mudar o futuro e viver de forma diferente, sem rancor, ódio e vingança. O futuro iluminado pelo perdão permite ler o passado com olhos diversos, mais serenos, mesmo que ainda banhados de lágrimas. (Francisco, 2024)

A semente da esperança tem de ser cultivada e cuidada para o tempo que virá, e tudo o que possa ser empecilho para que esta semente germine, neste canteiro do amor, tem de ser retirado para não prejudicar o bom fruto a ser colhido.

Considerações finais

A peregrinação pela esperança, pelo amor e pela fé em Jesus Cristo sempre será revivida, o peregrino da esperança é o andarilho do bem. É aquele que viaja por uma missão, seja pela busca de si próprio, seja pela busca de encontrar o seu semelhante, seja pela busca de fazer o bem para o outro e para o mundo. Ao escrevermos sobre as primeiras comunidades cristãs e o cuidado com a palavra da verdade, pensamos atualmente que a verdade é um paradigma do passado e que está cada vez mais difícil de se identificar com um mundo vivendo o extremo da superficialidade. A verdade e coragem com que a humanidade enfrentou seus piores problemas na história tornam-se vagos quando não têm suporte no amor pelo próximo e, principalmente, no amor a Deus. Enfrentar a mentira com a verdade parece um romance perigoso que vem se tornando realidade em um mundo onde os valores materialistas substituem a simplicidade de crer em algo que realmente faça bem à alma, e que esta esteja em conexão espiritual com Deus. Estarmos de partida enquanto peregrinos da palavra é tomarmos como exemplo a vida e a luta do Papa Francisco. É recordar a Igreja em saída, proposta pelo Vaticano II, é declarar-se sinceramente para o outro, entregues em um abraço que sufoca a própria dor. Esperançosos, sejam todos no caminho que a oração ilumina e misericordiosos, sejam todos os que abrem a porta para o “outro”, e que este outro, em um encontro fraternal, possa não mais ser o diferente. Andarilhos do bem, do amor e da esperança sejam, com a virtude que Deus nos doa na graça da vida, corajosos na missão. Mesmo quando a força para seguir viagem falte, buscar-se-á na fé, na esperança e na perseverança do amor eterno em Deus. Sejam todos andarilhos do bem e da esperança, humildes com as pobres vestes e sandálias de Jesus Cristo.

Referências

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. As primeiras comunidades cristãs. CNBB, Brasília, 20 de set. de 2024. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/as-primeiras-comunidades-cristas/>. Acesso em: 05 de abril de 2025.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium*. Constituição dogmática sobre a Igreja. [Petrópolis: Vozes, 1996].

DIDAQUÊ. A Instrução dos Doze Apóstolos. [Trad.]. Petrópolis: Vozes, 2021.

FERRARO, Benedito. A teologia como produto social e produtora da sociedade: a relevância da teologia. In: Teologia e sociedade: relações, dimensões e valores éticos / Paulo Agostinho N. Baptista, Wagner \ Lopes Sanches, [organizadores]. São Paulo: Paulinas, 2011.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'*. (Sobre o cuidado da casa comum). São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA; O fio da esperança. Vaticano, 17 de março de 2016. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160317_o-fio-da-esperanca.html. Acesso em: 29 de novembro de 2024.

FRANCISCO, Papa. CELEBRAÇÃO MATUTINA TRANSMITIDA AO VIVO DA CAPELA DA CASA SANTA MARTA; Devemos orar com fé, perseverança e coragem. Vaticano, 23 de março de 2020 b. Não paginado. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200323_pregarecon-fedecoraggioperseveranza.html. Acesso em: 20 de abril de 2025.

FRANCISCO, Papa. CELEBRAÇÃO MATUTINA TRANSMITIDA AO VIVO DA CAPELA DA CASA SANTA MARTA; "Dom do Espírito Santo: ousadia, coragem, parrésia". Vaticano, 18 de abril de 2020 a. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200418_lafranchezza-dellapredicazione.html. Acesso em: 20 de abril de 2025.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Fratelli Tutti. (Sobre a fraternidade e a amizade social). São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa, Spes non confundit: Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025, Vaticano: Santa Sé, 2024.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica, 2005.

AGOSTINHO, Santo. Confissões. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SANTO ATANÁSIO: Antologia: (A Criação e a Queda; A Trindade; Os Sacramentos; Cristo Redentor; Carta sobre a Interpretação dos Salmos; A Verdade e o Número; Epístola 39) 2010. Disponível em: https://sumateologica.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/02/atanasio_antologia.pdf. Acesso em: 07 de abril de 2025.

SCHWARCZ, Lilia. *Nem Preto nem Branco, muito pelo Contrário*. Claro Enigma (Companhia das Letras), 2012.

SGRECCIA, E. Manual de bioética I: fundamentos e ética biomédica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

WOLFF, Elias. *Espiritualidade do diálogo inter-religioso*: contribuições na perspectiva cristã / Elias Wolff. – São Paulo: Paulinas, 2016.

RECEBIDO: 29/05/2025
APROVADO: 21/07/2025
PUBLICADO: 27/08/2025

RECEIVED: 05/29/2025
APPROVED: 07/21/2025
PUBLISHED: 08/27/2025

Editor responsável: Waldir Souza